

A COMPANHIA DE TEATRO APRESENTA

PEQUENOS BURGUESES



TEXTO ORIGINAL DE RUI XAVIER
UMA TRANSPOSIÇÃO DA OBRA DE MÁXIMO GORKI

**PRODUÇÃO
GENGIBRE
MULTIMÍDIA**

PEQUENOS BURGUESES, DE RUI XAVIER
UMA TRANSPOSIÇÃO DA OBRA DE MÁXIMO GORKI

DIREÇÃO ARTÍSTICA
GUSTAVO TRESTINI
DIREÇÃO DE PRODUÇÃO
MUNIR KANAAN



CONTATO

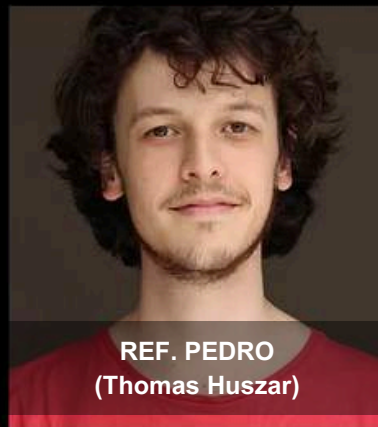
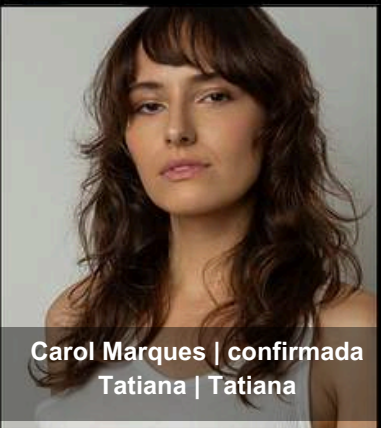
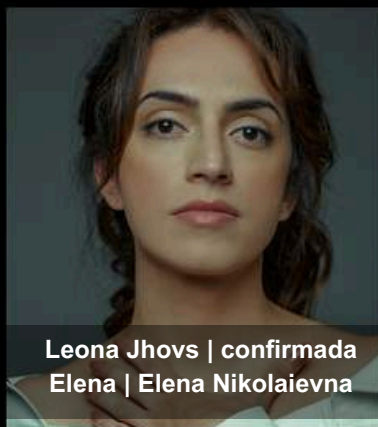
@MUNIR_KANAAN

(11) 94642.8400

WWW.GENGBREMULTIMIDIA.COM.BR

ELENCO

(CONFIRMADOS E REFERÊNCIAS)



APRESENTAÇÃO

A Gengibre Multimídia é uma produtora com vasta experiência em produções teatrais e responsável pela gestão e manutenção da recém-formada "Companhia de Teatro" - formada a partir do encontro de um diretor, um dramaturgo e um ator-produtor.

Esse encontro aconteceu devido à montagem do solo "Horror Lavanda" de Rui Xavier, com direção de Gustavo Trestini e atuação de Munir Kanaan. O processo de criação desse espetáculo sedimentou os vínculos entre esses três criadores e a descoberta de uma profunda afinidade artística e de visão de mundo.

Há cerca de um ano, iniciamos os estudos sobre o texto "Pequenos Burgueses", de Máximo Gorki, trabalhando na sua transposição para dialogar com os valores e conformações sociais atuais. A inspiração para esse projeto vem das experiências do "Realismo Engajado" proposto por Thomas Ostermeier, atual diretor artístico do Teatro Schaubhüne de Berlim.

Almejamos, com essa montagem, proporcionar ao espectador uma experiência autêntica, onde ele possa reconhecer a verdade dos personagens e ser convidado ao diálogo simbólico - um teatro popular que compartilhe narrativas reconhecíveis, densas e instigantes.

Para tanto, este projeto contempla a realização da montagem e temporada (com 62 apresentações) do texto inédito "Pequenos Burgueses", de Rui Xavier (anexado neste edital), uma transposição do original de Máximo Gorki. Contempla ainda: 01 (uma) oficina de teatro ministrada pelo diretor e pelo dramaturgo do espetáculo; Bate-papos (conforme as orientações do edital); 30 apresentações com tradução em Libras e audiodescrição.

Propor a encenação de uma transposição contemporânea de "Pequenos Burgueses" requer aceitar que essa montagem, que vai envolver na cena 12 atores, só poderá se realizar na medida em que seja possível contar com os meios de produção e principalmente com atores/atrizes já exercitados e capacitados para extrair do texto dramático todas as potencialidades, possibilitando o pleno encontro da obra com o público.

Mas acima de tudo, o sentido maior em se produzir esse espetáculo é encontrar um público que possa se reconhecer e participar da construção de sentidos que "Pequenos Burgueses" pode proporcionar.

O "Teatro do Sesi-SP", historicamente acolhe esse público diverso, popular, que busca no teatro um entretenimento, mas ao mesmo tempo não se furta a se entregar a uma experiência mais profunda, disposto a ser atravessado pela experiência teatral, reconhecendo e compartilhando sua experiência em um diálogo livre de pré-requisitos conceituais.

A ambição dessa montagem é trazer para a cena uma história focada na vivência verossímil e reconhecível de conflitos humanos, apresentados de forma intensa, responsável e livre de maniqueísmos, onde esse público possa construir junto com os atores um sentido possível de humanidade, onde a compaixão tenha um aspecto preponderante.



SINOPSE

Em algum lugar do Brasil, no fogo de 2019, uma família está mergulhada em conflito. São dois filhos adultos em casa, sem trabalhar: o mais novo é estudante de direito, mas foi suspenso ao se meter em manifestações; a mais velha, moça de uns 28 anos, está em licença médica depois de um burnout. O terceiro filho, adotado informalmente aos dez anos de idade, trabalha arriscando o pescoço como motoboy de aplicativo, quase não usufrui das comodidades da vida da família, e vive em pé de guerra com os pais.

O velho casal de comerciantes de classe média baixa simplesmente não entende um mundo que parece ter mudado demais. Sentem-se diminuídos e menosprezados pela nova realidade, e reagem com hostilidade. Convivendo com pessoas mais jovens (seus hóspedes e inquilinos) representativas dessas mudanças, sentem-se ameaçados: não compreendem a depressão da filha e veem com horror a aproximação do filho e de uma hóspede transgênero por quem ele está se apaixonando. Quando o filho adotivo resolve se casar com uma moça mais pobre (também uma “agregada” da família, meio faxineira), de repente lhes bate um desespero de assegurar que o rapaz não herde nada na sua condição de adotado. No polo oposto está o grupo de hóspedes e amigos dos filhos, que exibem todo brilho de uma juventude que acredita na vida, na mudança, na política e até no amor. Músicos amadores, sua presença enche a peça de musicalidade brasileira – e eles escolhem onde se apresentam pelos critérios do prazer e da militância.

Diante da rigidez moral do mundo dos pais – que eles conseguem impor, em alguma medida, aos dois filhos biológicos – o núcleo dos jovens serve como antítese e, para o espectador, como o farol de um otimismo alegre e teimoso – capitaneado pelo filho adotivo, Nil, ele representa a esperança no futuro, e na capacidade da ação humana em transformar o mundo. Quando finalmente a filha mais velha termina por se matar, os outros conseguem abandonar o curto-circuito do conflito: o filho estudante sai de casa para ficar com a hóspede; Nil declara sua independência – a roda da vida dá mais uma volta.

A peça, uma transposição (reescritura) de “Pequenos Burgueses”, de Máximo Gorki, é uma discussão (íntima, familiar a todos nós), com o Brasil profundo, seu atraso, seu reacionarismo, mas também sua possibilidade de superação, de invenção e resistência.

JUSTIFICATIVA E CONCEITO

Pequenos Burgueses, de Gorki, é um texto que propicia uma reflexão sobre uma sociedade no limite de uma transformação histórica. Em 1905, quando foi encenado, a Rússia encontrava-se em um momento de mudanças profundas. A sociedade russa percebia essa estagnação que prenunciava um devir incerto. Grandes autores como Tchekov e Gorki, registram em suas obras, como a inquietação e o medo frente a essas transformações reverberaram nas relações cotidianas.

Vivemos atualmente em um mundo paralisado pelo medo frente às mudanças climáticas, às incertezas econômicas e o avanço de um populismo que se alimenta desse medo, ao mesmo tempo que o orienta. No vácuo das utopias destruídas o retrocesso nos avanços sociais fortalece convicções conservadoras, ao mesmo tempo em que acirra a polarização, amplificando a desagregação social. Com as redes sociais a reflexão sobre esses conflitos se deslocou do espaço social e político para o centro das relações interpessoais e familiares.

Nossos estudos para a criação deste projeto têm como base as experiências sobre o drama realista realizadas por Thomas Ostermeier. Na busca pelo seu Teatro Realista, Ostermeier mergulha na obra de Ibsen em um processo de transposição e releitura dessas peças à luz do entendimento contemporâneo de processos sociais, políticos e econômicos. Como resultado, espetáculos como: "Casa de Bonecas", "Hedda Gabler" e "Um Inimigo do Povo" se convertem em referências para o teatro contemporâneo. Nessas referências encontramos a inspiração para um teatro Realista que nos interessa investigar.

As transformações sociais presentes no texto de Gorki e refletidas nas situações dramáticas nos dão a possibilidade de explorar esse paralelismo histórico localmente, em situações cotidianas e prosaicas, onde o espanto advém daquilo que é reconhecível, da constatação da implacável condição do mundo na qual cada ação gera uma consequência. A essência do Realismo está na tragédia da vida comum.

A "transposição dramatúrgica" do texto "Pequenos Burgueses" de Máximo Gorki:

Na escala do tempo histórico, o ano de 1900 e pouco parece ter sido ontem e, nesse aspecto, sua atualidade é gritante, pois quantos dos conflitos daquele tempo ainda estão presentes entre nós, não resolvidos nem superados? Mas essa proximidade esconde riscos, pois ela pode ser enganosa. Entre nós e "Pequenos Burgueses" de Gorki se

estende o século XX, o século mais longo da história, seu cortejo de rupturas brutais, suas imensas transformações não somente políticas e tecnológicas, mas sobretudo (porque é de teatro que falamos, portanto do ser humano) afetivas. Reescrever a peça para o Brasil do século XXI implica em não somente digerir, de alguma maneira, o trágico desmoronamento das utopias históricas – essas que na boca dos jovens russos de Górkí, ainda parecem um alvo claro como a luz do dia, mas também em identificar, em nosso contexto atual, as questões que pedem para ser transpostas.

Dois elementos imploram por atualização, quando pensamos na trama de "Pequenos Burgueses" e nas atitudes das suas personagens: o gênero e as relações de gênero, e a questão dos transtornos mentais.

No texto original, a depressão de Tatiana não merece muita solidariedade. O diagnóstico do texto é transparente: ela é infeliz porque está entremeada ao mundo mesquinho dos valores de sua família reacionária, valores (e preconceitos) com os quais ela ainda se identifica, mas que não dão sentido à sua vida – que aliás, lhe impedem de abraçar a vida. A própria trama deixa muito claro que sua doença não é tão real assim... sua tentativa de suicídio é pífia, o Médico deixa claro, ela tomou afinal "só um pouquinho de amônia", e não vai precisar de mais que um pouco de repouso. Não falta, durante a trama, quem lhe diga que ela precisa simplesmente se mexer, e que interprete sua depressão como fraqueza. Em 2024, parece-nos necessário revelar a gravidade da depressão de Tatiana. É preciso permitir que ela se mate, que seja bem-sucedida na sua tentativa de suicídio. Sem negar a existência do elemento sociopolítico nas moléstias do afeto humano, precisamos reconhecer que esse entremeado complexo escapa à simplicidade da vontade. Um século XX inteiro depois, nós já aprendemos que a vontade não resolve tudo.

Outro elemento a ser atualizado é o das relações de gênero. A transposição de Elena (com quem o filho mais novo termina a peça se casando) de uma viúva para uma mulher transgênero, por exemplo, busca atualizar aquilo que, em uma família conservadora contemporânea, ainda poderia ser objeto de escândalo... mas essa é uma mudança menos estrutural que, por exemplo, a atualização da trajetória da pura e inocente Pólia – rebatizada em nossa peça de Elisângela – personagem que vai de vagamente objetificada pelo *raisonneur* Teteriev, e descrita (positivamente!) como alguém que parece uma recém nascida, para uma moça consciente e autônoma do seu desejo e da capacidade de ação.

PROPOSTA DE ENCENAÇÃO DESCRIÇÃO DE MONTAGEM

A proposta de encenação, assim como os procedimentos constitutivos do espetáculo, parte do pressuposto que as relações humanas se transformam em função da realidade social que as cercam. Nesse sentido os conflitos interpessoais presentes na obra de Gorki no início do século XX, quando transpostos para nossa atual sociedade (ainda capitalista e patriarcal), se expressam de uma forma totalmente diferente, porque estão em relação com o momento histórico no qual vivemos e onde buscamos o sentido de nossas ações.

Nosso desafio nessa montagem consiste em reconhecer essas diferenças em um diálogo com a realidade que nos cerca, em particular com ação humana, tomada nos seus aspectos mais contraditórios, buscando uma forma de expressar essas contradições no palco.

No centro dessa proposta está o ator/atriz. A escolha do elenco tem fundamental importância para que esse processo criativo possa obter os resultados que desejamos. Por isso, essa escolha, considera a experiência e capacidade artística do intérprete em se colocar na pele dos personagens dando vida às situações propostas, mas sobretudo experimentando toda a sua complexidade. No processo de pesquisa para o desenvolvimento do projeto alguns atores e atrizes já apareciam como escolhas precisas para os personagens, em virtude de seus temperamentos e de suas experiências e capacidades artísticas. Felizmente a adesão ao projeto por parte desses artistas se deu muito rapidamente. Para alguns personagens, em particular os mais jovens, abriremos audição para que possamos fazer escolhas que estejam em sintonia com o projeto, criando assim a possibilidade de conhecermos novos artistas que possam agregar não só suas experiências artísticas como pessoais.

O processo de criação do espetáculo tem como ponto de partida a construção de um olhar coletivo sobre o universo da peça, partindo da personalidade dos atores/atrizes e das suas próprias experiências, permitindo a escolha de diferentes possibilidades na elaboração das cenas, incluídas aí soluções distanciadas e por vezes contraditórias em relação aos clichês sobre os comportamentos humanos.

Também nos interessa nesse desafio colocar em questão todas as motivações ocultas, os sentimentos, as estratégias e os interesses que determinam as ações dos personagens, que podem se flexibilizar e se transformar, segundo diferentes constelações de poder, sejam elas de natureza política, econômica ou emocional.

O espaço cenográfico foi concebido de forma a criar uma casa em um bairro periférico de uma grande cidade, representativa de uma família que alcançou alguma prosperidade que se destaca naquela vizinhança, vivendo em conformidade com os valores pequenos burgueses.

A ideia é reconstruir na cena uma arquitetura reconhecível que para além da pura ambientação, possa ampliar e revelar simbolicamente temas explorados na narrativa. Uma garagem improvisada contendo um carro da década de 1980, onde o patriarca e um velho mecânico negro aposentado, amigo de boteco, ocupam seu tempo em reformar e trazer à vida um veículo que não tem mais lugar no mundo. Uma sala decorada "caprichosamente" com elementos que remetem a uma história familiar estagnada no tempo. Uma escada construída, ainda inacabada, com ferros aparentes, que levam a uma laje. Essa laje incompleta acaba sendo ocupada por jovens músicos engajados onde, através da arte, podem celebrar novas possibilidades ao sufocante ambiente familiar ditado por regras conservadoras, preconceitos e abusos.

Os figurinos e a direção de arte vão acompanhar o conceito da cenografia, articulando referências culturais representativas do período onde a ação da peça ocorre, colaborando para revelar as funções dramáticas das personagens.

A proposta da iluminação contempla, além dos recursos padrões de iluminação cênica, a utilização de fontes de luz alternativas incorporadas na cenografia.

Os processos e conceitos propostos aqui pressupõem que a manifestação estética do espetáculo será o resultado das articulações entre todos esses elementos, construídos no decorrer dos ensaios.

GENGIBRE MULTIMÍDIA



Fundada em 2015 pelo produtor e ator **Munir Kanaan**, a **Gengibre** é uma produtora cultural especializada na concepção e realização de espetáculos teatrais.

Além disso, desempenha um papel crucial como produtora responsável pela gestão de projetos e manutenção da **Companhia de Teatro** - coletivo de artistas dedicado à pesquisa de linguagens e ao desenvolvimento de dramaturgias originais.

O espetáculo **Hotel Mariana** marca a estreia da **Gengibre Multimídia**, seguido pelo solo **Horror Lavanda**, ambos com dramaturgia original. Atualmente, estamos finalizando o texto **Pequenos Burgueses**, de Rui Xavier, e em fase de pré-produção do espetáculo **Dois Papas**, com previsão de estreia para o segundo semestre de 2024. Mais detalhes sobre essas e outras produções podem ser encontrados no site www.gengibremultimidia.com.br.

COMPANHIA DE TEATRO



A Companhia de Teatro é um coletivo em formação, dedicado à pesquisa de linguagens e ao desenvolvimento de dramaturgias originais.

Fundada por **Gustavo Trestini**, **Munir Kanaan** e **Rui Xavier**, após a realização conjunta da peça solo **Horror Lavanda**, a **Companhia** nasceu da vontade de investigar nossas inquietações em novos projetos, explorando a abordagem do "Realismo Econômico" como linguagem teatral direta e acessível, que sirva como caminho para uma experiência humana profunda. Esse encontro foi crucial para unir nossas ambições artísticas à reflexão sobre as relações sociais contemporâneas, compartilhando uma visão comum do teatro como um lugar de exploração da realidade por meio do contar histórias vivas.

Há cerca de um ano, iniciamos os estudos sobre o texto **Pequenos Burgueses**, trabalhando na sua transposição para dialogar com os valores e conformações sociais atuais. Almejamos proporcionar ao espectador uma experiência autêntica, onde ele possa reconhecer a verdade dos personagens e ser convidado ao diálogo simbólico - um teatro popular que compartilhe narrativas reconhecíveis, densas e instigantes, sem hesitar em utilizar tanto a erudição quanto o universal.

PROPOSTA DE OFICINA PROCEDIMENTOS PARA UM TEATRO REALISTA ENGAJADO

Nome da Oficina: Procedimentos para um teatro realista engajado.

Carga horária: 25 horas / 5 aulas / 5 horas por aula.

Quantidade de alunos: 20 pessoas.

Público-alvo: Atrizes, atores, dramaturgos, diretores e estudantes de teatro (+16).

Coordenadores: Gustavo Trestini e Rui Xavier.

Seleção: Currículo e carta de interesse.

A oficina tem por objetivo compartilhar com os participantes as experiências e questões geradas ao longo do processo de montagem de "Pequenos Burgueses".

Partindo de uma intenção, um texto ou contexto, e visando a concretização de um objeto artístico apreciável, o processo de montagem de um espetáculo teatral acaba gerando muita experiência e conhecimento. Tendo como base o registro do nosso processo, toda a experiência resultante das nossas reflexões e escolhas será sistematizada para que possa servir para esse propósito pedagógico.

Não se trata aqui de uma pesquisa de linguagem, mas acima de tudo da experiência prática a partir de uma linguagem teatral estabelecida: O teatro realista.

Dois eixos principais serão referências para a oficina, por se tratar dos fundamentos mais importantes para o teatro realista:

O texto dramático: nele contido as relações ficcionais, contexto social, cultural e histórico, bem como as situações dramáticas.

A mimese representacional: o jogo dos atores na relação com seus personagens, visando não uma representação do mundo, ou a ilustração dos conteúdos do texto dramático, mas a formalização de uma experiência performativa que seja nova para o espectador, ao mesmo tempo que possa ser reconhecível como parte integrante do mundo empírico.

O período da realização da oficina será durante a temporada do espetáculo. Isso possibilitará que o espetáculo seja uma referência presente e acessível, além dos debates com o público, a serem programados durante as apresentações, possibilitando assim o enriquecimento dos conteúdos estudados.

O programa da oficina vai contar com uma parte teórica onde serão abordados os temas:

- O processo de transposição e reescrita do texto "Pequenos Burgueses" de Gorki.
- O processo da construção do espetáculo e a semiologia da encenação. Fundamentos sobre o drama realista.

Parte prática: Com base no estudo dos temas abordados, os participantes serão convidados a adaptar e encenar cenas selecionadas de obras referenciais dos autores: Tchekov e Ibsen.

GUSTAVO TRESTINI | DIRETOR

Graduado em Artes Cênicas pela UNICAMP, Gustavo dirigiu mais de 30 espetáculos entre montagens profissionais e universitárias. Foi professor da Escola Livre de Teatro de Santo André, da Escola Superior de Artes Célia Helena (ESCH) e da Universidade Anhembi Morumbi (UAM). Coordenou a Oficina Permanente de Teatro do TUSP/USP, coordenou o Núcleo de Projetos Especiais da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, sendo responsável pela implantação do Projeto "Formação de Público" nos CEUS, dentre outros. Em 2010 foi diretor convidado na Escola Superior de Educação (ESEC), em Coimbra, Portugal.

MUNIR KANAAN | ATOR E PRODUTOR

Formado em Teatro pelo Núcleo Experimental de Artes Cênicas do SESI-SP e em Produção Executiva Audiovisual pela Academia Internacional de Cinema, Munir é ator, diretor e produtor. Sócio-fundador da Gengibre Multimídia, e com trabalhos realizados no teatro, no cinema e na televisão, Munir se destaca como idealizador e pesquisador da reconhecida peça "Hotel Mariana", pela qual foi indicado ao Prêmio Shell de Dramaturgia, pelo personagem Abbas da minissérie "Dois Irmãos", de Luiz Fernando Carvalho (TV Globo), e pelo filme "Nome Próprio", de Murilo Salles, pelo qual foi indicado como melhor ator no Festival de Cinema de Gramado.

RUI XAVIER | DRAMATURGO

Artista da palavra em áreas diversas como a dramaturgia, a canção e o romance. Fez parte do Núcleo de Dramaturgia do Centro de Pesquisa Teatral (CPT) de Antunes Filho, e ganhou o Prêmio Estímulo a Novas Dramaturgias, da Secretaria do Estado da Cultura de São Paulo, com a peça "A Pobre Família Marx". Autor dos livros "Metamorfoses Privadas" e "Cão" (Nversos Editora). Como compositor e cantor, integra a banda Anhangabahy, onde lançou os álbuns "Sonhar é a Solução" e "Quanto Pior o Ano, Melhor o Carnaval", além de diversos singles.



FICHA TÉCNICA

Idealização

Companhia de Teatro

Produção

Gengibre Multimídia

Dramaturgia - Rui Xavier

Direção - Gustavo Trestini

Trilha Sonora - Dan Maia

Iluminação - Aline Sayuri e Eric Lenate

Figurinos - Marcela Donato

Cenário - Eric Lenate

Direção de Produção - Eurico Malagodi

Administração - Gengibre Multimídia

Elenco

Benevides – Adriano Garib

Adelina – Nani de Oliveira

Aprigio – Carlos Francisco

Tetraz – Munir Kanaan

Tatiana – Carol Marques da Costa

Chico – Rodrigo Mancusi

Elena – Leona Jhovs

Francisca – Eliana Guttman

Lisa – (abriremos teste)

Pedro – (abriremos teste)

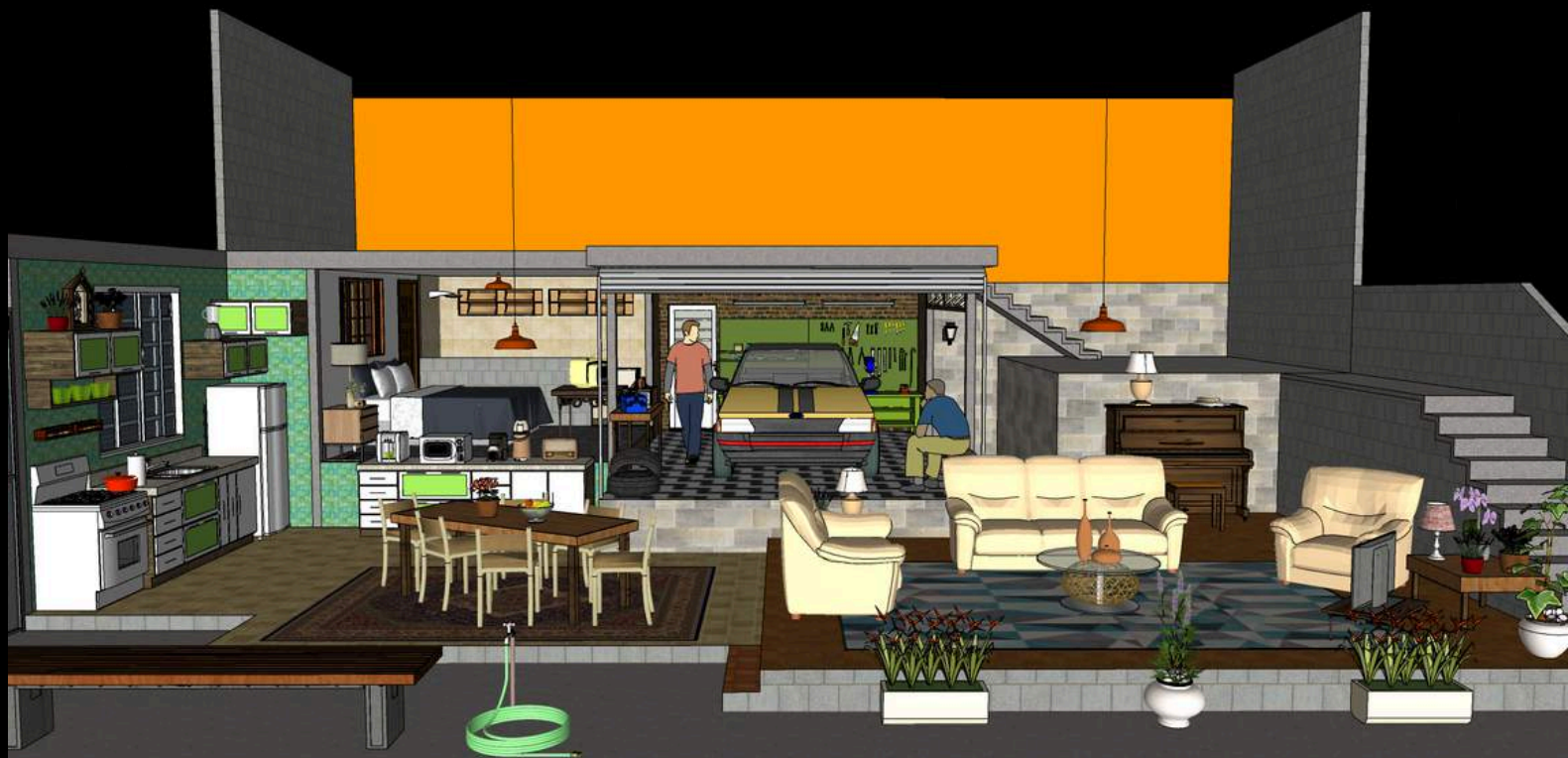
Nil – (abriremos teste)

Thaynara – (abriremos teste)

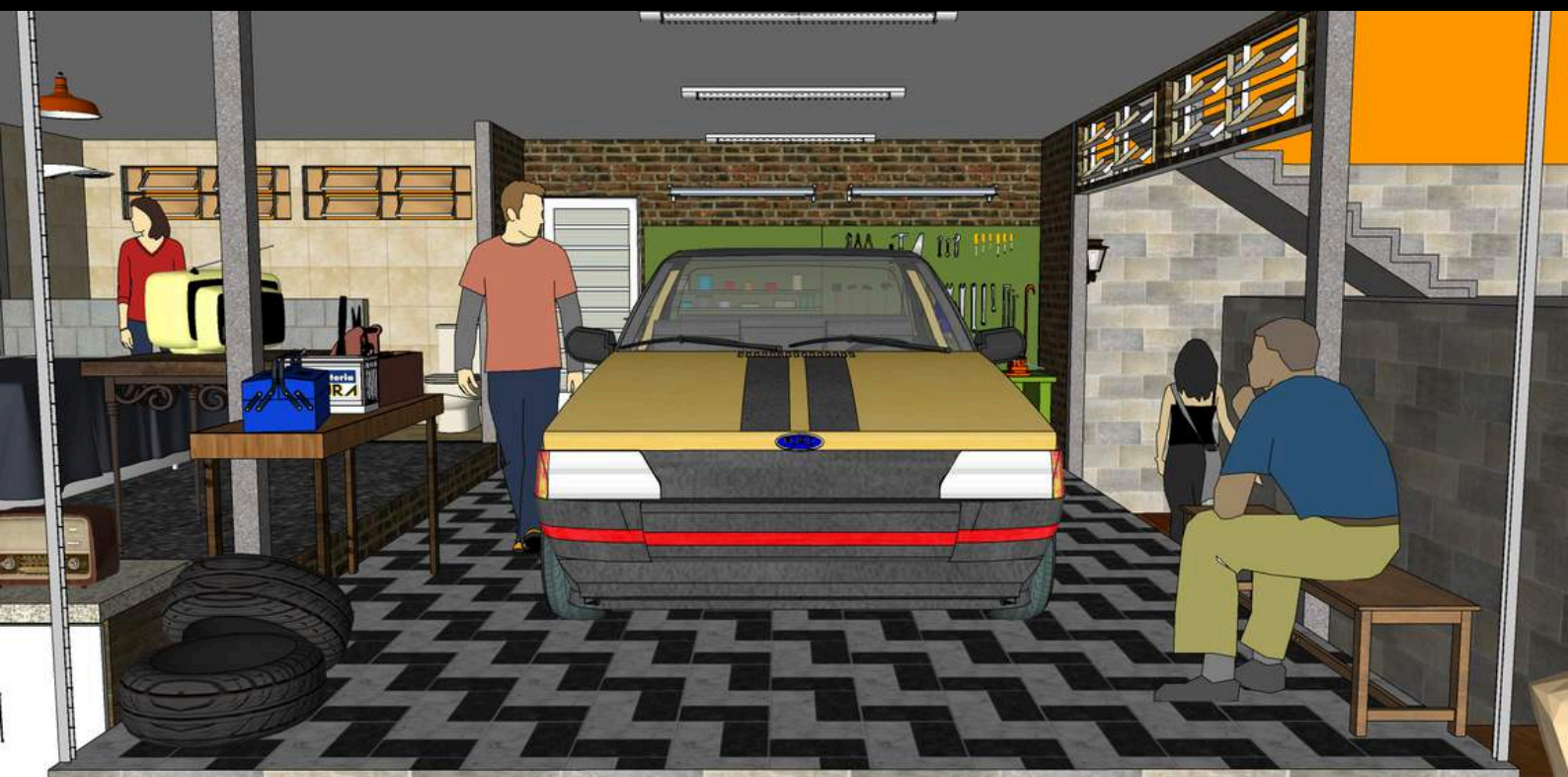
PROJETO ARQUITETURA CÊNICA



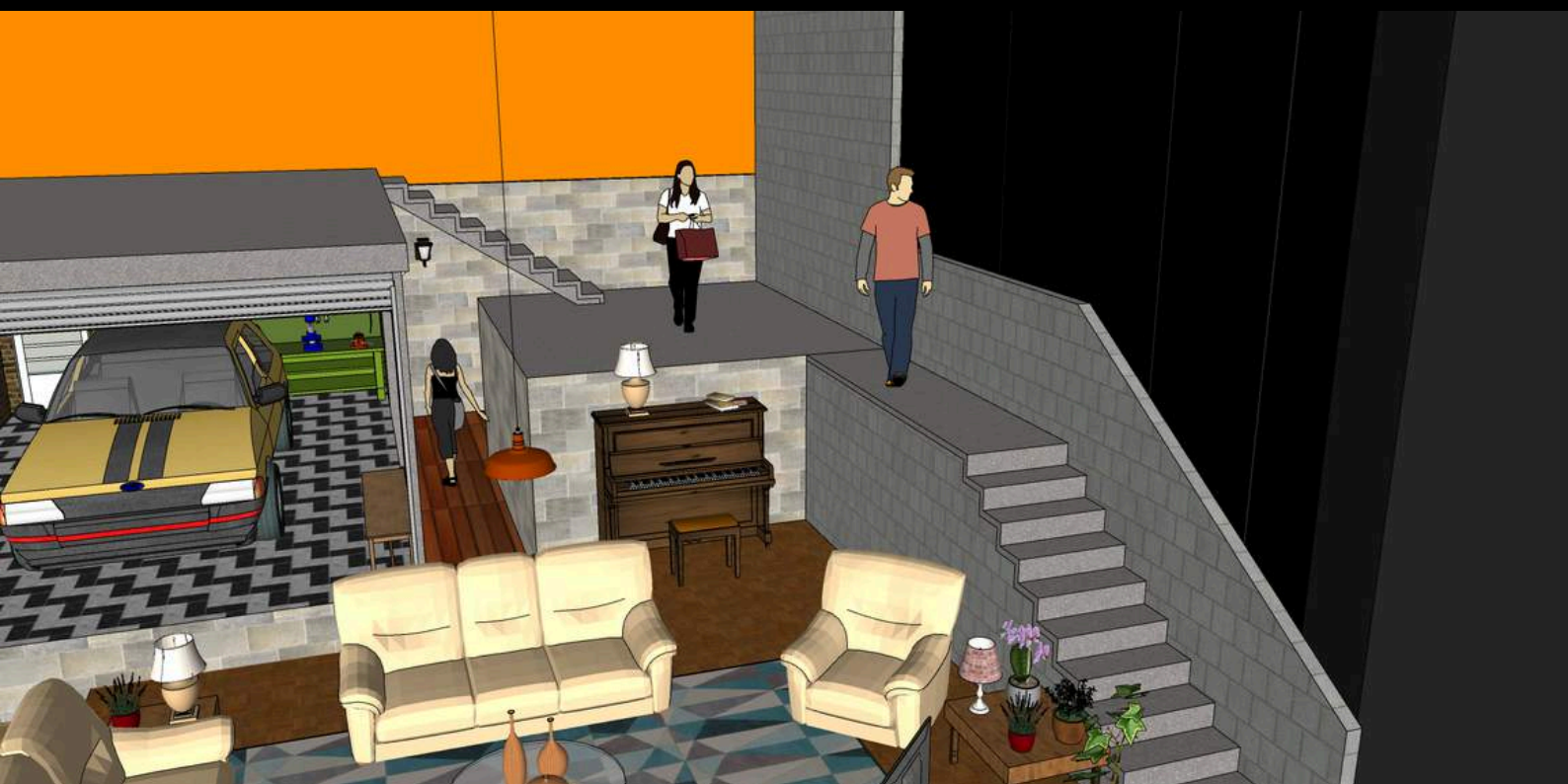
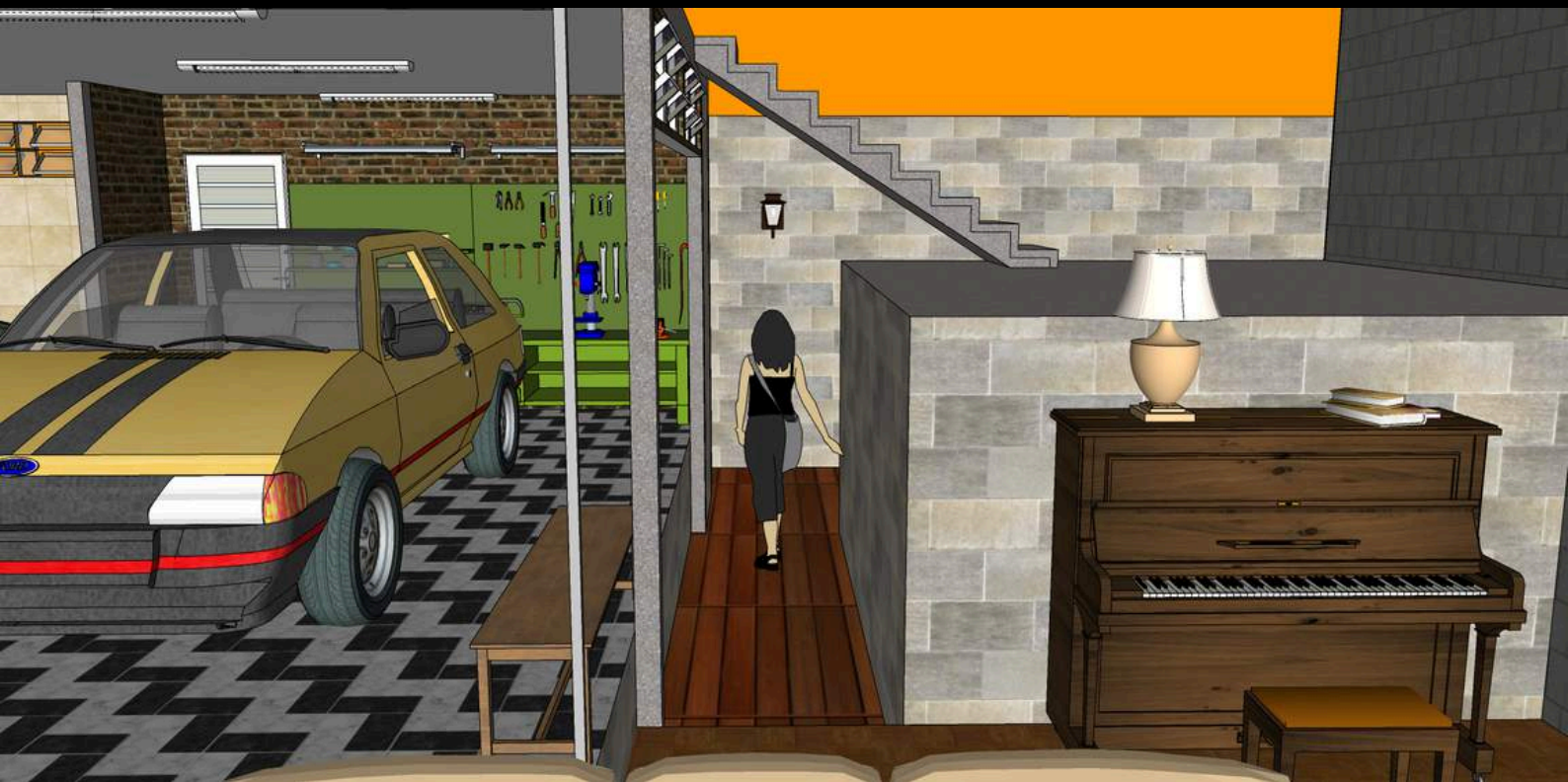
PROJETO ARQUITETURA CÊNICA



PROJETO ARQUITETURA CÊNICA



PROJETO ARQUITETURA CÊNICA



PROJETO ARQUITETURA CÊNICA



PROJETO ARQUITETURA CÊNICA





CONTATO

@MUNIR_KANAAN

(11) 94642.8400

WWW.GENGIBREMULTIMIDIA.COM.BR/PEQUENOSBURGUESES